

EPÓSITO LE... 31

ESTANDARTE

JORNAL DE MOCIDADE

Redacção e Administração: PRAÇA DAS FLÔRES, N.º 49

Directores: LUIZ D'AVILLES
EDUARDO FREITAS DA COSTA

Editor: EDUARDO FREITAS DA COSTA
Secretário de Redacção: ARTUR PEDRO GIL

ANO I - N.º 6

Lisboa, 15 de Junho de 1941

PREÇO \$40

Quatro pedagogos bem dispostos

É difícil conceber livro mais extraordinário do que umas «Leituras» para a 1.ª classe, parturadas em comum pelos senhores Manuel Subtil, Cruz Filipe, Faria Artur e Gil Mendonça. Encontra-se lá de tudo: desde as versalhadas tôlas género Papim-Papusse-Papão-Augusto-de-Santa-Rita, até aos disparates super-realistas completamente irracionais. E a gente fica na dúvida se os autores pretenderam fazer um livro humorístico, dando-lhe o aspecto original dum compêndio de leitura para crianças, ou se tiveram sômente o propósito de escrever um livro subversivo. Talvez as duas coisas...

O caso poderia ter-se passado da seguinte maneira:

Os senhores Manuel Subtil, Cruz Filipe, Faria Artur e Gil Mendonça, quatro bons amigos, juntaram-se uma tarde no Ginjal. Ameijoas à espanhola, um bom pedaço de lombo, um pouco de Colares, uma charutada no fim. Depois as ideias. A seguir a um bom almôço há sempre ideias. As ideias estão para um bom almôço, como o lôto está para um jantar de família. Vieram pois as ideias.

Um dos recém-almoçados trouxe à baila as modernas doutrinas pedagógicas. O sr. Subtil discretoeu sôbre Decroly com a sua natural subtilidade. Cruzaram-se opiniões maduramente assentes com ditos do mais esfuziante espírito. Apesar do fumo dos charutos, havia uma atmosfera de boa disposição, que emprestava às coisas um ar caricatural: os barcos que baloiçavam no Tejo, a cidade que se estendia na outra margem, o País, as crianças das escolas...

Foi então que, sugerida talvez pela presença dos srs. Cruz Filipe e Faria Artur, cujas graças lembram a subversão dos apelidos contra os nomes próprios, — apareceu a grande ideia da tarde:

— É preciso revolucionar tôda a pedagogia! Ultrapassar tudo quanto está feito! Atirar Decroly para o recipiente do lixo! Desvairar as crianças, endoidecê-las, em vez de as educarmos para cidadãozinhos ajuizados e bem pensantes.

Porque não havemos nós, os professores primários, os pedagogos por excelência, de fabricar uma humanidade nova, livre das peias do senso comum?

Caíu bem a sugestão naquele ambiente de alegria. E quando os quatro pedagogos, já ao lusco-fusco, vieram até à ponte de Cacilhas, estava traçado o plano de endoidar as crianças portuguesas.

Meses depois era publicado o livro.

A história não se teria passado desta ma-

neira. Mas se o tivesse, o livro não seria diferente.

Logo no princípio das «Leituras» a gente depara com esplêndidos disparates. A 1.ª lição termina com esta quadra:

Meu pai é bom.
O Sol dá luz.
Teu pai é Vaz,
o meu é Cruz.

A 2.ª lição começa assim:

Meu pai diz que eu já sei ler. Não sei bem, já se vê: mas já li *mais mal*.

Por onde se vê que o rigor gramatical não é aconselhado pelo novo sistema, que o futuro talvez venha a conhecer por *Método Pedagógico do Ginjal*...

A 3.ª lição é a história, em parvoçada poética, dum menino que deu uma cacetada num pé, quando espancava um cão.

E cheio de dôr,
— ai, ai, ai, ai —
vi-o sem côr
ao pé da mãe.
Foi mal? Foi bem?
Seu pai o diz:
— Quem o mal faz...

...
— Mas vê, ó Brás:
Só faz o mal
quem não vê bem
que o seu lá vem
já tal e qual.

O leitor certamente não percebeu esta última parte. Eu também não. Os pedagogos também não. As crianças muito menos...

Esta outra inovação — incluir textos que ninguém perceba — está, certamente, dentro dos propósitos pedagógicos dos autores...

Não é possível pararmos em tôdas as lições. Todavia, pela amostra já se faz ideia do que o livro é.

Será escusado dizer que os desenhos e os coloridos do livro estão no mesmo nível do resto. E há pormenores gratiosos, como o da lição que começa assim: *A caixa do correio é encarnada* — e ao lado há um desenho representando uma caixa de correio... pintada de amarelo.

Para crianças de 7 anos é, de facto, muito bem inventado.

A lição que tem por tema «O avião» vale a pena ser transcrita na íntegra:

Lá vai, muito alto, o avião. Visto de longe, parece uma ave muito grande.

Vôa muito depressa. Todos os aviões levam um piloto, que é o homem que os guia para onde quiere. Há aviões grandes, que podem levar muitas pessoas dentro.

Muita gente gosta de viajar em avião, mas algumas pessoas têm medo de andar pelos ares.

Muito gostaria
de ir num avião,
se não fôsse o medo
de cair no chão.

É evidente o cuidado que houve em escolher as frases mais idiotas que podiam ser ditas a propósito de aviões.

E então a insistência na ideia de *medo* — que achado!

Muita gente supõe ainda que a criança deve ser afastada o mais possível da noção e do sentimento de medo. Ideia errada. Os srs. pedagogos entendem que através dêle é que se temperam os grandes caracteres...

Eu sei. Eu sei que muitas vezes a obra é independente da vontade do autor. Este cuida ter escrito um romance, e sai-lhe um tratado; aquele julga ter feito um ensaio, e aparece um poema; aqueloutro pretende haver composto um poema, e surge uma novela humorística. Estes factos não são raros. Há autores capazes de tudo...

Quero crer que os srs. pedagogos houvessem querido sômente escrever um livro de leitura para crianças, segundo os preceitos do método global.

O que saíu, porém, foi um livro de humorismo — para adultos; e um manual de imbecilização — para crianças.

Tudo quanto possa dar à criança noções simples e exactas, tudo quanto traduza bom senso e encaminhe ao bom gôsto está substituído por um acérvo de desconchavos, donde se pode sair só para a anormalidade mental. Os disparates de Bertoldinho de parrelha com as maiores asneiras do método Ollendorf, versalhadas de pôr os cabelos em pé, desenhos horríveis, mau gôsto gráfico — eis o livro.

Não conheço obra mais subversiva, atentado mais estúpido contra as crianças portuguesas.

E para escrever essa maravilha, foi preciso juntarem-se quatro pedagogos!...

Juntaram-se os quatro à esquina... como na canção popular. Quanto melhor não seria que, em vez de escrever o livro — e ainda como na canção — se tivessem limitado a tocar a concertina e cantar o *solidó!*...

BARRADAS DE OLIVEIRA

PECADOS

Que o meu sapateiro nunca tenha lido Schopenhauer, é natural; que a minha cosinheira não saiba grego, é justo; que as peixeiras andem pelos passeios, é admissível; que se insulte uma senhora, é possível; que ela nos insulte a nós, é provável. Mas que se deixe os locutores das estações de radiodifusão dizer tanta asneira, que é ouvida em todo o mundo, dando uma triste ideia da nossa educação e instrução, é indecente.

Há dias um deles convidava o respeitável público a inscrever-se numa excursão que, entre outras visitas, faria algumas às praias da fronteira com a Espanha.

Há dias, uma estação muito nossa conhecida, na sua secção de «curiosidades», falava-nos de lagartos, lagartixas e outros vermes. E dizem isto com uma convicção e uma presença de espírito que fariam inveja a um Buda.

Então a pronunciar nomes estrangeiros?! Isso é um mimo! Inventaram alguns que são verdadeiros atentados. Mas não são capazes de ter a honestidade, quando não sabem dizer, de dar a tradução em português, somente, ou de confessar que não sabem traduzir nem ler o nome, ou ainda, o que seria preferível, de não dizer nada.

Há uma certa menina que nós costumamos ouvir e que tem por hábito cantar (?) canções estrangeiras. 1.º Não tem voz, 2.º não tem pronúncia, 3.º não tem escola. E assim tivemos que assistir impotentes ao assassínio sucessivo das canções: «My own», «Amapola», «Balalaika», «Argentina» e, ultimamente, com o coração dilacerado, assistimos também ao estertor de «Lagoa adormecida».

E como infelizmente não há nada que a impeça de continuar a estrangular melodias, só me resta lamentar os autores das próximas condenadas.

Há tempos li num jornal um espantoso anúncio dum cinema da Rua da Palma, cá muito conhecido nos meios académicos, em que depois dum filme com a cantora Deanna Durbin — se prometia um estupendo programa da «Canção Nacional» com as consagradas e distintas artistas Maria do Carmo e não sei quem mais. Oh, meu Deus, então isto não brada aos céus?! Então aquela é simplesmente cantora e estas são consagradas e distintas?! Francamente, só a murro!

Certamente, tendes ouvido aquele «distinto artista» que, ao acabar um fado (por alcunha, a canção nacional), diz querer fazer de Portugal pequenino um Portugal ainda maior.

Sempre gostava de ver como é que ele descalçava essa bota.

EDUARDO PESSOA DOMINGOS

Mais pequenas coisas

Alguns botões, um bocado de cartão com linha enrolada e, pregada nêle, uma agulha, são coisas que nada pesam e que se tornam muitíssimo úteis durante a estadia no campo.

Para fazer fogo, os fósforos são imensamente necessários. Mas algumas vezes a humidade estraga-os. Para que tal não aconteça, basta embrulhá-los num pedaço de papel de jornal.

O relógio não serve só para ver as horas: é também um meio seguro de orientação, valendo portanto como relógio e como bússola.

Quando se vai acampar, é útil ter um mapa quanto possível exacto da região. Para isso, ou se traça um no próprio acampamento, durante os dois ou três primeiros dias, ou se obtém uma carta do Estado Maior do Exército, o que é — evidentemente — preferível.

Os pés devem conservar-se sempre secos e

quentes. É a humidade que, algumas vezes, nos impossibilita por completo de tomar parte em qualquer marcha.

Um dos processos mais simples de preparar os pés para longas caminhadas consiste em os untar com sabão ou com sébo de Holanda.

Em sítios pedregosos e quentes, quando se presume ou conheça a existência de cobras, deve simplesmente contornar-se as tendas com uma corda. Elas não conseguem transpôr este obstáculo que as fere.

Para cosinhar em locais muito ventosos, ou em épocas do ano em que os ventos predominam, é aconselhável o uso do fogão empregado pelos campistas brasileiros: uma lata de gasolina, sem tampa, e cheia de terra até meio. É sobre esta que se acende o fogo.

Alguns furos numa das faces, que será voltada para o lado oposto ao do vento, regularizam a tiragem.

GIL

PELO IMPÉRIO

O mar batia contra os rochedos de Sagres, num fragor medonho e contínuo.

Era madrugada clara.

Esbatida na luminosidade da ante-manhã, aparece uma nau onde tremula o pavilhão da Cruz de Cristo.

Uma ligeira sombra partiu de lá por sobre a terra. Parece reconhecer aqui e ali aquele lugar sagrado.

Era a sombra rígida, triunfante, irreal e luminosa do Infante, Príncipe dos Descobrimentos.

Na claridade translúcida da manhã que surge, uma voz soou forte, vibrante e comovida:

— A vós portugueses de sempre!

A epopeia de 500 projecta-se a cinco séculos de distância, com todo o seu fulgor, no Império de hoje.

De princípio foi um esforço humilde, obscuro e indeciso, em que entrou um misto estranho de lenda, de sonho maravilhoso.

Depois a realidade definiu-se melhor, esplendorosamente construtiva. Esse magma de vontades fortes, de sacrifícios heróicos e constantes, adquiriu energia, vida, acção e movimento, bafejado por um sópro ardente e criador.

Eu concebi o Império, moldei-o e ofereci-o à Pátria Portuguesa.

De Sagres saiu a luz que conduziria através as trevas do mundo desconhecido os descobridores, marinheiros anónimos, audazes e voluntariosos, os mais seguros construtores da unidade do Império Português.

Nunca houvera um tão grande desdobramento de actividades, conjugado para o engrandecimento da Pátria.

Da multiplicidade da incerteza e da angústia nasceu a formação da alma portuguesa fortalecida pela expectativa, pela luta, pelo sangue derramado que forjava virtudes e nobres exemplos de coragem e valor.

Como reflexo dessa alma virtuosa, cristalina, os portugueses não se limitaram a conceber, mas edificaram um Império. Como remate, cúpula duma construção genial e assombrosa, lá está

a Cruz, símbolo vivo e eterno da Fé e da Esperança.

A espada rija e dura impôs a sua lei de domínio, soberania e conquista material. A cruz abraça esse espírito de rigidez, aplana revoltas, inicia a conquista de almas, eleva-as e dignifica-as, levando-lhes um ideal cristão nitidamente progressivo, factor de civilização.

Esse Império-Sonho teve a duração cintilante dum raio de sol batendo numa pedra de alto valor, que não se perdeu mas teve a sua continuidade no Império de hoje, promessa vibrante duma época, dum destino grandioso.

Os princípios, as ideias, a fé, são os mesmos.

Portugal não mudou, permaneceu igual a si mesmo e isso lhe permitiu a consagração da História do Passado no altar da Pátria.

Portugal-Império não pode morrer! Ele é o símbolo ardente, mágico e estranho do génio universal e atlântico das descobertas, projecção e grandeza duma época maravilhosa e fantástica.

Aquela sombra esbatida, envolta no mistério do espaço e do tempo, que falara à minha sensibilidade, vaga e indefinida naquele momento, suspensa na imaterialidade da vida e do sonho, desapareceu.

Perante mim, só e ainda, os rochedos de Sagres numa estática mudez, dizendo dum povo de gigantes que tornou o mundo inteiro conhecido.

Dali partirá a grande cruzada nacional que o tempo tornou maior e mais vasta.

Milhão e meio de portugueses assombraram o mundo. Alguns milhões saberão defender a integridade da Pátria e do Império, na consolidação e reconstrução do futuro.

O Império exige sacrifícios duros, vontades decididas, dinamismo.

A mocidade, com todo o seu irrequietismo, violência e audácia, saberá compreender as lições do passado e acorrer onde for mais necessária, precisa e útil a sua acção.

Assim será!

ARMANDO CUNHA

Uma entrevista por cinco tostões

O sítio é de todos bem conhecido: o minúsculo jardim do Alto de Santa Catarina, miradouro garrido, debruçado sobre o Tejo — a seus pés a azáfama dos estaleiros e das fábricas da beira-rio. Cortam, lá em baixo, as águas tranquilas, paquetes largando com rumos longínquos, fragatas carregadas até à borda, velas enfunadas, rebocadores pequeninos de casco mas possantes de máquinas, «piratas» atravessando para terras da Outra-Banda. Está pouca gente gosando esta maravilhosa tarde de Maio. Dois ou três reformados, ornamento clássico de todo o jardim público que se prese, destes que já não têm horas para nada porque levaram a vida toda a regular os seus passos e acções pelo clarim ou pelo livro-de-ponto, quedam-se, estáticos, olhando o mesmo cenário de todos os dias. Crianças, nem uma. Lamento-o, porque são outra razão de existirem jardins públicos em Lisboa (nesta altura lembro-me que devia haver mais do triplo dos jardins que há).

Acabo de ler o jornal da tarde — de fio a pavio. Tudo, do artigo de fundo até «ao tempo que faz». Acho graça ler estas previsões. Raro estão certas. Como os meus cálculos na lotaria. Afinal não há notícias nenhuma de sensação. É pena. Porque também gosto de saber que acontecem por esse Mundo coisas dignas de registo — sem ser as que nos contam os monótonos comunicados da guerra.

Para lá das grades do jardim ouço grande gritaria. São vozes de garotos. Curioso, tiro os olhos do jornal (já ia na necrologia, à falta de melhor...) — e levanto-me. Um magote de rapazes joga animada partida de «foot-ball», no largo que encima o jardim. Descalços, na motoria, correm velozes sobre o empedrado, pontapeando a bola de trapos, forrada com alguma meia inútil.

«A primeira parte acaba aos dez!», grita, imperativo, um que, decido de mim para mim, será o organizador, o capitão daquele encontro. Interessado, encosto-me às grades a ver o desenrolar do desafio. Passam automóveis por meio dos jogadores, atropelando e esborrachando a bola, transeuntes apressados atravessam o improvisado «campo» — mas a luta pela vitória continua sem quebra do entusiástico ritmo que todos — à uma — põem no desfecho da verdadeira batalha que se trava. Esqueço-me, de todo, que estou a escassos metros do elegante Chiado, da Baixa movimentada e «chic», e começo a dedicar a minha atenção a ver quem vencerá. Insensivelmente, tomo o partido de um dos grupos. Nem sequer são onze de cada lado, regulamentarmente. Não sei a razão desse desequilíbrio. «Goal» daqui, «goal» dali e chega-se aos tais dez que resolveram como termo de uma das partes do prélio.

Logo de começo notara, entre os jogadores, um, minúsculo, rente ao chão, descalço, cabelos desganhados, cara risonha e córada. Apeteci-me fazer-lhe perguntas, entrevistá-lo como se fosse uma celebridade do desporto mundial. A dificuldade estava em chamá-lo sem dar nas vistas dos outros. Mas a Providência Divina estava comigo. O garoto destacou-se do magote, que discutia acaloradamente as fases principais da luta, e dirigiu-se aos raros passeantes «dá-me um 'stôzinho?». Até que chegou a vez de me vir pedir. Agarrei-me, hebraicamente, à ocasião que se me oferecia.

«Dou-te mesmo cinco tostões se me respon-

deres às perguntas que te vou fazer. Combinado?»

«Se o sr. dr. dá cinco 'stões eu vou nessa.» Assentes, nestas bases, as possibilidades da realização da «entrevista», desapareci:

«Como te chamas?»

«Artur Marques da Silva.»

«Tens oito anos?»

«Não «senhora», tenho 10.»

«Que fazes tu?»

«Ora, ando na escola.»

Nisto reparo que traz um cinto da «M. P.». Descubro outro filão a explorar.

«Ouve lá, estás na Mocidade?»

«Eu cá estou e todos os outros lá da escola também. E temos farda. O senhor sabe como é a nossa farda? é bem «gira». Eu gosto muito da minha farda. E gosto muito de estar na Mocidade. Fazemos ginástica e eu ando a aprender a tambor. E vamos às vezes ao Jardim Zoológico. Se não fôsse a Mocidade nenhum rapaz lá da minha escola ia ao Jardim Zoológico.»

«E que letra é essa que trazes aí na fivela?» O garoto hesita.

«Então não conheces o abcdário?»

«É um S.»

«Que queres dizer?»

«Dr. Salazar.»

«Bravo, muito bem. E quem é o Dr. Salazar?»

«Ora, é um senhor.»

«Isso sei eu.»

«É um senhor que manda na gente.»

«E tu gostas do sr. Dr. Salazar?»

«Claro, arranjou trabalho para o meu pai e eu cá ando na escola.»

«E o Sr. Presidente como se chama?»

«O Presidente da Junta?»

«Não, rapaz, o Sr. Presidente da República.»

«Ah, «isso» é o general Carmona, já o vi. Até foi no Coliseu. Na festa do ano passado. Foi bem boa a festa do ano passado. O sr. dr. não foi à festa do ano passado?»

«Porque diabo me chamas tu doutor?»

«Ora, o senhor dêsse tamanho se ainda não é dr. não percebo». Explico-lhe que a estatura física nada tem de ver com as habilitações de cada um.

«Que queres vir a ser?»

«Marceneiro. Meu pai é marceneiro e os meus irmãos já andam no ofício.»

«E da guerra que pensas?»

«Quero cá saber disso. A gente não tem guerra. Então pronto». Aprecio devidamente este desinteresse pela política internacional.

«Gostas de estudar?»

«Eu cá não «senhora». Queria estar já a aprender para marceneiro, mas o meu pai quere que eu ande na escola.»

«E porque é que em vez de estares a estudar as lições andas para aqui a jogar a bola? Podes ser preso, sabes?»

«E o senhor, porque é que em lugar de me dar os cinco 'stões que me disse que dava me faz tanta pergunta? Se calhar é da polícia.»

Postas as coisas neste pé, paguei o prometido e assim acabou a «entrevista» com Artur Marques da Silva, «lusito» de dez anos da «Mocidade Portuguesa».

MACAU

Incrustada como uma pérola numa ostra, há no grande Império Chinês uma pequena colónia portuguesa, que é Macau. Macau vem do tempo da Conquista, do tempo em que os portugueses mantinham ainda a sua soberania nas terras da Ásia, da África e da América, do tempo em que as suas caravelas e naus chegavam a todo o lado e a sua esquadra era a rainha dos mares.

Se bem que seja uma das mais pequenas colónias portuguesas, pois, como sabeis, resume-se quasi unicamente na cidade que se chama do Santo Nome de Deus de Macau, não deixa por essa razão de ser uma das mais importantes, quer sobre o ponto de vista económico, quer político.

Macau é uma cidade acentuadamente de características orientais mas nem por isso deixa de ter bem vincado o cunho da civilização portuguesa. A sua população de portugueses, de chineses e de mestiços, antigos cruzamentos dos colonos com os naturais, mantém ainda hoje as mesmas tradições de comércio.

Corria o ano de 1556 quando o Imperador chinês Kiatsing ofereceu aos portugueses Macau em paga de serviços prestados, por estes terem aniquilado com a sua frota um pirata que naquele tempo infestava o mar da China, e de que os mandarins se confessavam incapazes de vencer o predomínio.

Foi por um feito das nossas caravelas que Macau se tornou uma colónia portuguesa.

O seu pórtio foi, durante muito tempo, o único ponto de contacto da Europa com a China, o que lhe deu grande desenvolvimento.

O pequeno burgo, que fôra de princípio Macau, progredia rapidamente e a sua população, apesar dos entraves postos pelos mandarins chineses quando notaram o valor do pequeno istmo, que não deixavam de considerar como seu, aumentava rapidamente também.

As exigências dos imperadores chineses tornavam-se cada vez maiores. De Portugal pouco ou nada se fazia e os mandarins, crentes que o valor dos portugueses fôra uma fábula, chegaram ao ponto de desdenhar do nosso poderio amachucando os direitos de Portugal na colónia e chegando a ter a ousadia de impôr a súditos portugueses leis e regulamentos seus.

Os governadores portugueses até ali mostravam-se incapazes de pôr termo a esse estado de coisas até que um dia houve um, o governador João Ferreira do Amaral, homem destemido e corajoso, português da mais rija tempera, que foi morto pelos chins rebeldes, mas que contribuiu bastante com o seu esforço para a soberania portuguesa na colónia.

E, depois de alguns séculos de dissidências entre chineses e portugueses, aqueles convenceram-se por fim que Macau era portuguesa desde que nos fôra doada e que os nossos direitos deviam ser respeitados.

Hoje Macau, essa colónia do Oriente, uma das mais afastadas da Mãe-Pátria, lembra-nos um canto de Portugal e o génio indomável mas cortês do seu povo. É dos melhores portos do Oriente e mantém ainda as suas típicas ruas chinesas ao lado das europeias, os antigos «bazzares» ao lado dos edifícios portugueses e em cada canto, em cada rua, há sempre um motivo português.

Conserva ainda hoje, volvidos quasi quatro séculos, depois de tantas lutas, ao lado do misticismo e fausto do Celeste Império, que a caracterizam, como cidade oriental, o fundo cunho indissolúvel do imortal génio português.

Noção errada

Ouve-se às vezes dizer que são os meninos da aba larga e do casaco até aos calcanhares que fazem mais desporto.

Repudiamos enèrgicamente esta afirmação. Desporto a sério só o praticam os verdadeiros desportistas, desempoeirados de preconceitos, livres de quaisquer peias de moda, separados por completo das preocupações que caracterizam os meninos de agora.

A não ser que tenham chegado ao extremo de chamar desporto à partida de «tennis» que jogam ao sábado contra a Fifi ou aos dois friorentos mergulhos na praia do Estoril com a Tóto—ao domingo.

Também nos parece que não é desporto polir as paredes do Chiado...

Em tórno de um caso recente

Certo filme que estava para exhibir-se num dos grandes cinemas da capital foi, precipitadamente, retirado dos reclames e substituído por outro.

Averiguámos das causas de tão súbita decisão e concordámos. Realmente não fazia sentido que entre nós se começasse a utilizar o cinema como meio corruptor.

O filme em referência, «A vida de Zola» — não correu. Repetimos que achamos muito bem. Mas na Feira do Livro, num dos «stands» com mais responsabilidades, estão à venda todos os livros daquele pernicioso autor francês. Ou senão estão todos, pelo menos os piores. Contrassenso.

Burocracia mal educada

Ali, a dois passos do centro da capital, numa das mais concorridas repartições de finanças de Lisboa: entra alguém e diz: «No Governo Civil não quiseram aceitar este recibo. Falta pôr o selo em branco». Resposta do funcionário «zeloso» e «bem educado»: «Ai, falta pôr o selo? Então ponha-o; é ali ao fim desse corredor...».

Infelizmente, ainda há funcionários públicos deste calibre—sabendo dirigir-se assim tão amavelmente aos que têm de servir-se daquela repartição...

Se Deus quizer, a Revolução há-de continuar...

Nova ordem atmosférica

Dantes, chegados a certa altura do ano, todos nós portugueses tínhamos a antecipada certeza de ir gozar belos dias, de sol a jorros, céu azul, ar puro.

Agora parece que isso foi época que já passou. Está o caso regulado cronometricamente: hoje, domingo, houve sol—logo amanhã, segunda-feira, há chuva. Não há que enganar. Todos podem ser meteorologistas. Basta saber como esteve o tempo em certo dia para, sem receio de erro, se prevêr o dia que se segue.

Vendo bem as coisas, não nos parece leal que o belo clima que sempre gozámos nos deixe agora, que vêm as férias grandes...

ATENÇÃO, "LUSITOS"!

Mais um santo português?

A M. P. conta hoje aos Lusitos a história linda dum rapaz português, parente de Nuno Álvares, que foi um missionário admirável.

Chamava-se João de Brito. Já ouviram o nome que anda agora na boca de todos; mas talvez não saibam a sua vida.

Antes de ser herói e santo foi criança como vocês, já se vê.

Morreu-lhe o pai sendo êle ainda miúdo; foi sua mãe que o educou. Como era da primeira fidalguia, foi recebido no Paço Real. Aprumado, como um lusito, na sua farda reluzente, desempenhou o officio de pagem de D. João IV e do Infante D. Pedro.

João era alegre e bom. Excelente camarada nas diversões dos miúdos da Casa Real, servia-lhes de modelo como cumpridor exacto dos seus deveres de piedade e obrigações de estudante. Às vezes, os lusitos mais alegres e brincalhões são os mais cábulas. Outras, os que se aplicam no estudo não sabem brincar. João de Brito unia as duas qualidades.

Teria defeitos como todos os rapazes, mas de pequeno começou a combatê-los e a vencer-se a si mesmo.

Teve companheiros de maus sentimentos, invejosos, que troçavam dele, davam piadas e faziam maldades ainda piores.

João podia resistir e pagar na mesma moeda; mas sabem vocês que fazia? Calava e sofria. Chamavam-lhe até «Mártir».

E porque é que êle sofria?... Para imitar Nosso Senhor como sua mãe lhe ensinara. Era desta maneira que João ia formando o carácter. É preciso mais força para amar o nosso adversário do que para o combater.

Aos 11 anos adoeceu e chegou às portas da morte. Para sarar fez com sua mãe uma promessa a S. Francisco Xavier e êste grande Santo alcançou-lhe a saúde. João ficou tão agradecido que daí por diante tomou o Santo por seu Protector. Quis até ser da Companhia de Jesus como êle fôra também da mesma Companhia. Foi ter com a mãe e pediu licença para isso e sabem vocês o que essa Senhora lhe respondeu?

— Meu filho, o que eu desejo é que sejas feliz. Se Deus te chama para essa vida, vai, que eu de todo o coração te abenço.

João de Brito tinha 16 anos quando entrou na Companhia de Jesus.

Depois começou a matutar que lá na Índia havia tantos pagãos que morriam sem baptismo... e pediu para ser missionário.

Vocês sabem que é um missionário?

João custou-lhe muito sair de Portugal porque amava muito esta linda terra onde nascera.

Mas lembrou-se que Portugal não era só êste cantinho da Europa; era também o nosso Império Colonial e—cheio de entusiasmo, embarcou nas caravelas e foi por êsses mares de Cristo até Goa.

As viagens daquelles tempos não eram como as de agora...

Julgam vocês que João de Brito desanimou? Tudo sofreu com valor e alegria e assim se foi preparando para os trabalhos ainda maiores que o esperavam no Oriente.

Sol abrasador, chuvas torrenciais, terrenos pantanosos, cabanas tão baixas que diz êle: «em me descuidando dou com a cabeça no teto»; vestido pobreíssimo e por comida só arroz, leite e algumas frutas. E vocês lembram-se que João de Brito não estava acostumado a esta vida; pelo contrário, na sua infância e enquanto rapaz, nada lhe faltou... E sabem porque é que João quis sofrer tudo isto? Para fazer felizes os índios, especialmente os mais pobresitos.

Que belo exemplo de dedicação pelos que sofrem!

Muitos milhares se converteram; outros, que ingratos! pagaram o bem com o mal. Como os judeus deram a morte a Nosso Senhor, assim êles maquinaram a morte do seu grande amigo. Prenderam-no, insultaram-no, esbofetearam-no, fizeram-no passar fome e sede, açoitaram-no, espesinharam-no contra uma pedra eriçada de cristas agudas, puseram-lhe o corpo numa chaga, por fim cortaram-lhe a cabeça!

Como foi heróico João de Brito sofrendo para que aqueles pobres gentios se convertessem e fôsem para o céu! Exemplo magnífico de amor e dedicação pelos infelizes!

Por isso João de Brito bem mereceu ser glorificado.— Vocês sabem que por intercessão do Beato João de Brito se têm conseguido muitas graças e até milagres e por isso se está a tratar da sua canonização.— Que é ser canonizado?...

Neste caso é a glorificação dum português heróico; por isso todos os portugueses devem trabalhar por ela.

Os lusitos são miúdos mas portugueses; vocês não podem ficar de braços cruzados.

Teremos mais um Santo português!

Mocidade, futuro de Portugal

Nada conseguirá já privar a juventude do ardor que ela pôs no cumprimento dos seus ideais, no retôrno às eternas verdades que abraçou.

A juventude luta, certa da boa colheita que fará, orgulhosa dos meios de que se serve.

Vive o presente de resgate, e sente o passado nas lições inorredoras de Fé e Patriotismo dos grandes que o ilustraram.

Que ecôe nas almas jóvens o já longínquo — mas não esquecido — apêlo de um grande mestre. António Sardinha, na conferência «O Território e a Raça», dirigindo-se à juventude como reduto inextinguível de Energia e Fé para a salvação da Pátria, disse: «Eu conto convosco, moços portugueses».

E êles responderam presente ao chamamento de Deus, responderam presente ao chamamento da Pátria, como responderam presente ao apêlo carinhoso da Família. Êles estão e estarão sempre prontos a seguir o lema de «Deus, Pátria e Família», lema que sempre — mas sempre — os encorajou na luta, por vezes áspera, pela existên-

tência, os animou e esclareceu nos domínios do pensamento.

Aos novos pertence em parte o presente, mas integralmente o futuro. Êles prepararam-se para tão grande incumbência, com o ardor de que sempre foram possuídos, e com esperança tão firme, como a que Sardinha neles depositava quando, dirigindo-se-lhes, dizia: «Não deixareis ficar por falso o vosso irmão mais velho». Assim era legada à juventude a incumbência de alicerçar para a Pátria um futuro digno do glorioso passado tão fortemente impresso nas páginas da sua História.

ASSUNÇÃO SOUSA

Comemos demais

Vai sendo tempo de nos habituarmos a comer menos.

Se é certo que de há cinqüenta anos para cá se foi, lentamente, perdendo o pantagruélico costume de almoçar quatro pratos e jantar seis, não é menos verdadeiro que, por êsses restaurantes fora, se dá de comer em excesso. A questão é haver dinheiro para pagar.

A nós, por exemplo, aconteceu o facto que vamos narrar, em breves linhas: num restaurante da Baixa, ao almoço. Consultada a «lista», escolhemos determinado prato. «Para um?», pergunta o criado. «Sim, não esperamos mais ninguém», respondemos. Passados instantes, volta empunhando uma travessa. Dentro, comida à farta para quatro. Fizemos ver a nossa surpresa. Resposta do criado: «o sr. não pediu para um?»

Mas pagámos por quatro.

Não nos parece certo.

SATISFAÇÃO

Por motivos que apenas se prendem com a organização de serviços internos do nosso jornal resolvemos passar a publicá-lo nos dias 15 e 30 de cada mês.

É claro que toda a gente percebe que a modificação não se faz por acaso, o que torna um pouco inútil esta nota. Em todo o caso não quisemos deixar de dar uma «satisfação».

Simplex adivinha

Tenho sete anos e já sei ler.

O meu irmão Luís não sabe ler.

Êle só tem cinco anos.

Eu já sei escrever e fazer contas de mais e de menos.

O meu irmão Luís sabe cantar o Tio Luís.

Eu sei cantar a Nini.

Quando fôr grande vou cantar ao Rádio.

O meu irmão partiu a cabeça.

Caiu do muro do quintal.

Eu não subo aos muros porque minha mãe ralha.

A minha professora não gosta das meninas que sobem aos muros.

Na praia uma menina perguntou-me se eu era rico. Estava de gatas e muito longe, a perguntar-me se eu era rico.

*

Tôdas as manhãs ia brincar com os vizinhos para a sombra da igreja. Depois do almoço a sombra era do outro lado.

*

Quando as meninas corriam no jardim, os cabelos e os vestidos ficavam para trás.

*

Gosto mais dos bois de barro que dos bois verdadeiros.

*

O gabão do jardineiro era forrado de azul!

Intereferências

Juventude e Espírito

Dos Paços da Ribeira, Gil Vicente subiu ao solar de D. Maria II, renascido pela vontade de uma organização de juventude. E eis aqui outro milagre. Quando hoje se fala em «organização de juventude» pensa-se logo instintivamente no ruído das armas e na arremetida compassada e bélica. Mas estes rapazes e estas raparigas de Coimbra trouxeram-nos espírito e bom gosto. Êles sabem que no final só o espírito ficará sobre as ruínas — perene, vivificante, só-pro animado de vida para além da morte.

Estas frases foram publicadas há pouco tempo num semanário português, assinadas por um jovem escritor e distinto crítico. São várias frases contendo cada uma um conceito acertado.

E eis aqui outro milagre: como, de três ideias certas, pode um espírito esclarecido tirar uma conclusão errada.

Espírito de Juventude

O ruído das armas e a arremetida compassada e bélica são, na verdade, tendências incoercíveis da juventude. Tratar com desprezo êsse modo de vêr é natural em quem fôr velho mas é estranho da parte dum novo, a não ser que queira aparentar mais trinta anos além dos que lhe concede o arquivo de identificação. Opô-lo radicalmente ao espírito e ao bom gosto é um sofisma ou uma confissão.

O espírito de verdade, de justiça, de beleza, de mocidade, não se opõe nem se pode opôr às arremetidas compassadas e bélicas. É justamente dêsse espírito que nasce a dita arremetida, é a servi-lo que ela se aplica e é por êle que ela vence.

O espírito que se oponha à expansão natural da juventude, negando o corpo e negando a alma, repudiando o sangue dos heróis e o martírio dos santos para se ficar na estática contemplação de não sabemos que abstracções, êsse pobre espírito velhinho nunca poderá permanecer perene, antes caminhará para uma morte precoce, solução lógica da sua fragilidade decrépita.

Bom gosto

Êste Espírito com um E muito grande, ideia abstracta vagamente materializada por uns romances de capa amarela e duas ou três jornalistas estrangeiras de passado duvidoso e estado civil incerto, está agora muito em moda. É uma das melhores maneiras de alguém se distinguir do vulgo falar muito no Espírito e na Arte, mesmo sem nenhum conhecimento de causa, desprezando por reles e ínfima toda e qualquer virtude que não seja o tal espírito ou a tal arte.

Deus nos livre de querermos incitar alguém ao desprezo daqueles efeitos de bom gosto que tornam a vida agradável. Mas não reclamemos para êsses efeitos o exclusivo do direito à vida se não queremos mostrar falta dêsse mesmo bom gosto de que armamos em paladinos.

Orgão de mesa

Um café de Lisboa tem já o seu orgão na imprensa. Mais precisamente — certa mesa do primeiro andar de um café de Lisboa.

No editorial há uma confissão. Diz-se que «nas páginas bem elaboradas» (presunção e água benta...) da revista em questão «deslizam, suavemente», vários aspectos sociais, artísticos e literários da vida portuguesa. Para onde deslizarão êles suavemente? O mais simples é interrogar a mesa, utilizando a boa vontade de um espirito saaz...

Agora por mesa! Sabem o que era a «mesa censória»?

Um dos trechos acima é do artista Almada Negreiros; o outro foi escrito por uma garôta de Moçambique.

Qual dêles é o de Almada?

(Ver solução na página 6)

Grandesa e miséria das idades do homem

Dizia-me em tempos alguém da minha geração — a geração dos trinta :

— Só a juventude é respeitável .A velhice, ou é indigna, ou é simplesmente inútil.

Áfirmiação exagerada, excessiva...

A velhice também é útil.

Mas do que não há dúvida é de que apenas como elogio — como censura, nunca — se diz de um velho que parece mesmo um rapaz...

#

Á juventude falta a experiência. E a experiência é uma grande coisa. Mas a experiência da vida gera a prudência, que nem sempre é uma grande coisa. E a prudência gera por sua vez a cobardia, que, essa, então, é uma coisa francamente detestável...

#

A juventude não está, rigorosamente, no bilhete de identidade. Está nos olhos da pessoa. No modo como olha para o mundo.

Há pessoas novas com olhos velhos. E pessoas velhas com olhos que nunca envelhecem.

Mas ainda a grande maioria — deixemo-nos de fantasias ou ilusões — é de pessoas novas com olhos da sua idade e pessoas velhas com olhos irremediavelmente velhinhos.

#

Mesmo quando não dizem, os velhos pensam :

— A juventude nunca tem razão.

O que não está certo — e é um exagero, em face do qual os rapazes proclamam, vingadamente :

— A juventude tem sempre razão.

O que também não está certo — e é também um exagero. Mas, ao menos, um exagero construtivo.

#

Lugar-comum :

«A juventude é a idade dos heróis.»

Indignam-se os velhos :

— A história regista os nomes de muitos heróis com cabelos brancos.

E é verdade.

Mas o heroísmo não está só em afrontar a morte. Está em afrontar a morte — amando a vida, confiando na vida, tendo ainda tudo a merecer e a esperar da vida.

Outra espécie de heroísmo pode bem ser, apenas, pressa de morrer — desejo de rapidamente acabar com os sofrimentos do fígado ou dos intestinos.

#

De certos heróis moços diz-se que têm uma coragem de suicidas...

É mentira!

Porque se suicidariam eles?

Não. Eles não procuram, doentiamente, sadicamente, a morte. Desafiam-na, batalham com ela — desportivamente.

#

Não são nunca de lamentar os heróis que morrem na batalha, em plena glória. Esses entram na imortalidade como entraram na morte — soberbos, desdenhosos, belos como semi-deuses.

São, porém, de lamentar, quasi sempre, os heróis que sobrevivem — pois não mais devem

Solução da adivinha

Dos dois trechos publicados na página anterior pertence a Almada Negreiros o da direita (transcrito do seu livro «A invenção do dia lar»).

ser, em caso algum, inferiores à imagem exigente que deles entretanto se criou e se divulgou.

Há rapazes que dizem :

— Orgulhamo-nos da nossa inexperiência.

Mas um pouco de experiência não prejudica, quando se tem vinte anos.

Só um pouco, um tudo-nada de experiência...

Quanto ao mais — é com a imaginação.

#

Agora os velhos :

— O que sobretudo nos irrita é a petulância com que cada geração que chega se convence que só a ela incumbe e só ela levará a cabo o descobrimento definitivo do mundo... e da pólvora!

Acontece, porém, que cada geração que chega descobre, sempre, realmente, qualquer coisa no mundo.

Aventura que nunca acontece com as gerações que partem; essas deixam sempre o mundo mais sêco, mais fatigado — de certo modo, pois, mais pequeno.

#

Um conto em meia dúzia de linhas :

— Era moço. Foi um herói. Um herói magnífico. Depois, acomodou-se na vida. Criou hábitos de conforto. Hoje, é um velho.

Muitas medalhas. Respeitável? Hum...

Egoísta. Comodista. Burguês. Uma pessoa de quem se diz :

— Ali onde o vês já foi um herói.

Mas não. Ele conservou-se fiel à sua mocidade heróica. Não fabricou do seu heroísmo uma escadaria triunfal. Não se acomodou refasteladamente na vida. O fogo do seu olhar é o

mesmo de sempre; o mesmo de sempre o quitismo das suas atitudes.

Irreflectido. Irrequieto. Impulsivo. Por vezes — tantas — absurdo. Dêle, porém, diz-se :

— O mesmo de sempre.

O herói que não mudou. Fiel ao seu sonho. Ao seu romance de cavalaria. Às suas quimeras. Aos seus moinhos de vento...

Preferível, assim — em todo o caso.

#

Com o tempo e com o uso, gastam-se os fatos, os chapéus, as solas dos sapatos. Também se gastam as almas...

Almas há, contudo, que se não gastam nunca. Labaredas que nunca se transformam em cinza.

#

— «Jovens, deveis admirá-lo e venerá-lo, porque êle, apesar dos seus cabelos brancos, se conservou jovem como vós sois!»

Mas se a juventude o venerar porque êle se conservou jovem, ela cometerá o vaidoso pecado da autolatria — porque se venerará a si própria.

E se o venerar porque êle tem cabelos brancos — se os pintasse, tê-los-ia pretos — a juventude lembrar-lhe-á com isso, indiscretamente, que êle, apesar de tudo, sempre é um velho...

O que, sobre ser indiscreto, pode ainda ser perfeitamente injusto.

#

E para terminar :

— Não foi o Velho do Restelo quem descobriu o Caminho Marítimo para a Índia.

DUTRA FARIA

Em prol da emigração para o Império

Nenhum Português desconhece que Portugal é grande, tão grande como o é a sua História.

Portugal! — Nação que abriu ao Mundo novos Mundos, pequeno continentalmente mas grande no seu Império Colonial. Assim, na África, nessa que muitos julgam que quem para lá vai não volta mais, nós temos Angola e Moçambique, cujo desenvolvimento é tão grande que por vezes nos faz esquecer a Mãe-Pátria, logo lembrada pela presença dos nativos.

As suas cidades, genuinamente portuguesas, atestam bem o sacrifício da raça, naquelas longínquas paragens, onde, erguida contra tôdas as ambições estranhas, flutua ao vento a Bandeira de Portugal!

Portugueses irmãos! Vós, os que pensais em emigrar, não esqueçais nunca que Portugal é grande, e que a vossa acção colonizadora pode ser benéfica no nosso Império, espalhado não só pela África, mas também pela Ásia e Oceania, e quem diz Angola ou Moçambique, diz também Macau e Timor, e muito mais ainda a Guiné, a dois passos do Continente, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe.

Portugal não acaba nas fronteiras com Espanha, nossa irmã nas lutas do passado, e que connosco levou a civilização às cinco partes do mundo! Não! As fronteiras de Portugal estão espalhadas pelo Mundo, e estão sempre onde a Nossa Bandeira, coberta de glórias, atesta a nossa soberania.

Portugueses! Que necessidade tendes ao emigrar, em procurar país estrangeiro? Não vêdes que, seja qual fôr o país em que estiverdes, sois um estrangeiro? Que a língua é os costumes

são diferentes? Não tereis vós vantagem em empregar o vosso capital, o vosso esforço, a vossa inteligência, naquilo que é português?

Ide para aquilo que é nosso. Sentir-vos-eis à vontade ao desembarcar em qualquer porto, pois a terra que pisardes é tão portuguesa como aquela que pisastes na cidade, na vila ou na aldeia onde nascestes.

Ide e dai o maior do vosso esforço para o progresso de Portugal — e sereis digno da vossa Pátria.

D. DE AZEVEDO PERES

ESTANDARTE

Sai a 15 e 30 de cada mês

ASSINATURAS

| | |
|------------------|-------|
| Trimestral | 2\$40 |
| Semestral | 4\$50 |
| Anual | 9\$00 |

Os assuntos de redacção e administração tratam-se das 10 às 12 horas e das 18 às 20 horas na Praça das Flores n.º 49

COMPOSTO E IMPRESSO NAS

Officinas Gráficas da Casa Portuguesa
Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

É distribuidor exclusivo de «Estandarte»,
Editorial Organizações, L.^{da} — L. Trindade
Coelho, 9, 2.º — Tel. P.A.B.X. 2 7507 — Lisboa

Propriedade da O. N. M. P.